

SOBRE A IMPRENSA DAS CLASSES SUBALTERNAS 1880 — 1922

Albino Rubim

A partir da análise de textos sobre imprensa operária, proposta de descer às raízes de jornais proletários, num estudo em que não falta embocadura acadêmica ao seu autor.

Em 1906, o jornal proletário *A Terra Livre* fez a seguinte observação sobre a imprensa das classes dominantes: "... o jornal! Ele há de ser o estranho documento de uma época! Ele mostra como criado pelo monopólio da riqueza e do poder das classes, estas cavam entre si tal abismo que, vivendo lado a lado uma à outra, se ignoram perfeitamente". (1)

A observação, extremamente perspicaz, aponta, de um lado, a visão de classe do jornal e, de outro lado, a "unilateralidade" desta consciência. "Unilateralidade" devida ao privilegiamento de uma parte do real e simultâneo ocultamento do outro real, do resto, da contradição do real. "... Tal ocultamento é uma das formas com que a ideologia dominante tenta apagar a memória sócio-cultural da classe operária". (2)

A utilização do mecanismo ideológico anotado acima permite que as classes dominantes, detendo os meios de produ-

(1) — *A Terra Livre*, 13 de agosto de 1906, apud FERREIRA, Maria Nazareth **A Imprensa Operária no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1978. p. 68.

(2) — HARDEMAN, Francisco Foot — *Classes Subalternas e Cultura. Ordem/Desordem*, Belo Horizonte, Faculdade de Comunicação da Universidade Católica de Minas Gerais, 1977. p. 37.

ção de bens simbólicos, fazem a história da sociedade como história das classes dominantes. A história dos subalternos é tornada descontínua e, no limite, apagada. Isto possibilita, por exemplo, a apresentação das conquistas operárias (sindicatos, greves, legislação trabalhista, partidos legais etc.) como doações dos dominantes e não como resultado de intensas lutas de classes. No Brasil, a conquista de apoio popular por Getúlio Vargas, através do "mito da doação" da legislação trabalhista, é caso típico deste "ocultamento do real". (3)

Dentro desta contextualização, o debate sobre a imprensa das classes subalternas ganha importância política e científica. Política porque arma (ou pode armar) a classe operária e outros setores proletários da memória de suas lutas de classe e científica porque supera a visão ideológica e "repõe" a contradição no real.

A imprensa proletária, apesar dos limites decorrentes de sua situação de dominada, torna-se manifestação importante das classes subalternas e do seu "real ocultado", em particular nos momentos de agudização das lutas de classe, como acontece no Brasil e no final do século XIX e inícios do século XX. Assim, como sugere Paulo Sérgio Pinheiro: "... não há nenhuma dúvida que, para esse quadro desaparecido do final do século XIX e começo do século XX, a imprensa operária constitui a fonte privilegiada e indispensável". (4)

No entanto, apesar da importância da imprensa das classes subalternas para o estudo do período, sintomaticamente a bibliografia sobre jornalismo proletário quase não existe. Só nos últimos anos tem surgido uma literatura ligada à imprensa dos subalternos, seja tomando-a como objeto de estudo, seja utilizando-a como fonte de pesquisas. Antes o tema aparece sempre superficial e/ou rapidamente em livros de mili-

(3) — Sobre este ponto, ver PARANHOS, Adalberto — **A Ideologia do trabalhismo na literatura de Cordel**, Campinas, Unicamp, 1976 (mimeografado).

(4) — PINHEIRO, Paulo Sérgio — Prefácio. In: FERREIRA, M.N. op. cit. p. 12.

tantes políticos ou trabalhos preocupados com o proletariado (5).

Fora os livros citados acima (nota 5) e outros não indicados, mas com iguais características, restam poucos trabalhos que, mesmo parcialmente, tomam a imprensa proletária como centro de preocupações. Um deles é o texto de Nelson Werneck Sodré sobre a *História da Imprensa no Brasil*, onde, sob o título "Imprensa Proletária", basicamente o autor enumera jornais subalternos e dá informações sobre eles, além de falar da imprensa estudantil, de Gustavo de Lacerda etc. Assim, sem questionar seu valor introdutório, o trabalho de Nelson Werneck Sodré deve ser lido com cuidado, dada sua indefinição. (6)

Já o artigo, antes citado, de Foot Hardeman, construído essencialmente a partir de pesquisa nas publicações anarquistas *O Amigo do Povo* e *Aurora* debate a questão da imprensa inserida na discussão da cultura das classes subalternas. Como isto, aponta interessantes aspectos das publicações proletárias e indica sugestões para o estudo das classes subalternas. (7) Mas, se de um lado, a delimitação permite determinados aprofundamentos, de outro lado ela impede grandes generalizações sobre a imprensa dos subalternos.

Finalmente, a contribuição mais significativa e mais geral é o recente livro de Maria Nazareth Ferreira *A Imprensa Ope-*

(5) — Exemplos de textos de militantes são: DIAS, Everardo — **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo, Alfa Omega, 1977 e LINHARES, Hermínio — **Contribuição à História das lutas operárias no Brasil**. São Paulo, Alfa Omega, 1977. Como livros relativos ao proletariado temos (incluindo publicações recentes): DULLES, John W. Foster — **Anarquistas e Comunistas no Brasil 1900-1935**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977; FAUSTO, Boris — **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo, Difel, 1976; RODRIGUES, Edgar — **Trabalho e conflito, pesquisa 1906-1937**. Rio de Janeiro, Arte Moderna, 1975; RODRIGUES, José Albertino — **Sindicato e desenvolvimento no Brasil**. São Paulo, Difel; BANDEIRA, Moniz et alii — **O Ano Vermelho**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

(6) — SODRÉ, Nelson Werneck — **História da imprensa no Brasil**, Rio de Janeiro, Graal, 1977.

(7) — Por exemplo, utilizar o comportamento do operariado diante do primeiro de maio para elaborar uma periodização da história do movimento operário, HARDEMAN, F.F., op. cit., p. 52.

rária no Brasil 1880-1920 (8). Fugindo da estreiteza da maior parte dos “estudos de comunicação”, marcados pelo ilusório privilegiamento de “uma comunicação” isolada das ciências humanas, o trabalho da professora da USP repõe rigorosamente a comunicação no seu espaço social, utilizando as contribuições das ciências humanas para dar conta deste campo interdisciplinar que é a comunicação. Entretanto, pela grande importância do livro, gostaríamos de nos deter em alguns pontos do texto que julgamos polêmicos (9).

Em primeiro lugar, talvez por seu caráter introdutório ao tema — primeiro livro prioritariamente dedicado à imprensa proletária e não só operária — ou por sua função acadêmica — tese de pós-graduação — “A Imprensa Operária no Brasil” não apareceu de forma aprofundada como mereceria pelas expectativas criadas. As várias contextualizações, sem dúvida fundamentais — particularmente ao texto inicial e/ou acadêmico — fazem que o espaço de discussão interna — compreensão — do tema seja limitado, enquanto o momento explicativo toma a maior parte do livro.

Outro aspecto problemático do estudo de Maria Nazareth é a transformação acrítica de determinadas noções em conceitos, portanto, noções construídas rigorosamente e elementos de base da atividade científica. Isto acontece, por exemplo, com o termo “questão social”, fundamental para o trabalho (10). Nazareth esquece a rigorosa observação feita por Marx, em sua “Crítica ao Programa de Gotha”, quando escreveu: “Substitui-se a luta de classes existente por uma fórmula vaga de jornalista: a questão social, para cuja solução

(8) — FERREIRA, Maria Nazareth — **A Imprensa operária no Brasil 1880-1920**. Petrópolis, Vozes, 1978.

(9) — Acreditamos que o trabalho de Nazareth, por ser um livro quase introdutório, tem um papel de iniciar o debate (o que, inclusive, prova a importância do estudo). Assim, achamos que resenhas descritivas não dão conta do texto. Para observações descritivas ver: PORTINARI, Maribel — **Os operários brasileiros no começo do século** e SABATINI, Calixto et alii — **O operário: agente comunicador**. Salvador, EBC-UFBA., 1979 (mimeografado).

(10) — “**O Conceito** (grifo nosso) de ‘questão social’ usado neste trabalho **foi retirado** da própria linguagem dos militantes operários” FERREIRA, M.N. op. cit. p. 19.

se preparam as vias" (11). As palavras de Marx parecem especialmente escritas para demonstrar as ambigüidades ideológicas do nosso movimento operário no início do século, infelizmente não anotadas e, às vezes, assimiladas pela autora.

A aceitação mais ou menos acrítica de algumas "visões fabricadas" coloca ainda, em graus diversos, outros problemas para o texto. Uma dessas questões é o papel exercido pelos gráficos no movimento e imprensa operários. Sem negar a importância deste papel, não devemos, de modo inverso, superestimar a atuação dos gráficos como faz a autora. Para problematizar a postura de Nazareth, citamos o trecho de Boris Fausto: "... a categoria dos gráficos foi aliás a única onde os socialistas tiveram alguma influência duradoura em São Paulo: a União dos Trabalhadores Gráficos, fundada em março de 1904, assumiu em muitos momentos uma atitude trade-unionista e de seu seio partiram propostas de se formar partidos operários com inclinações reformistas". (12)

A direção do eclético "socialismo" da época, as atitudes corporativistas, as tentativas de criar partidos reformistas e a desorganização periódica da categoria criam sérios problemas, segundo pensamos, para toda ênfase dada pela autora ao papel dos gráficos como liderança do movimento e imprensa proletários e, no mínimo, impõem um estudo mais completo/completo do descompasso entre atitudes individuais de gráficos e comportamentos da categoria e de sua entidade representativa.

Finalmente, um ponto bastante importante e bem pouco tratado no livro, o declínio da imprensa subalterna na década de vinte. Este "vazio" coincide com um momento de significativas mudanças na sociedade brasileira. Gostaríamos de sugerir três elementos como explicativos para tal declínio: a repressão das classes dominantes, a decadência do anarquismo (e conseqüente ascensão do comunismo) dentro do movimento proletário e o avanço do capitalismo.

(11) — MARX, Karl; ENGELS, F.; LENINE — **Crítica do programa de Gotha/crítica ao programa de Erfurt/Marxismo e Revisionismo**. Porto, Portucalense, 1971. p. 27-8.

(12) — FAUSTO, B. op. cit., p. 102.

Primeiramente, o início dos anos vinte é marcado por intensa repressão policial que passa a atuar “preventivamente”, invadindo entidades, empastelando jornais, expulsando lideranças (para o exterior ou interior a depender da nacionalidade) etc. (13). Em segundo lugar, o anarquismo, apesar de cada vez mais ser aceito por proletários brasileiros, não conseguiu dar respostas satisfatórias ao movimento proletário e “dirigi-lo”, perdendo, aos poucos, a hegemonia para o comunismo. Com isto — declínio do anarquismo e sua intensa política cultural — a imprensa proletária perde sua razão de existência mais importante (14). O comunismo, voltando-se imediatamente para a questão política e centralizando suas manifestações principalmente no partido, não define uma política cultural que permita a proliferação do jornalismo proletário. Estes elementos e o avanço do capitalismo, destruindo o isolamento cultural das classes subalternas, são razões da decadência do jornal proletário nestes anos.

Depois de discutir a literatura existente sobre a imprensa das classes subalternas, podemos buscar nestes textos elementos que nos permitam caracterizar o jornalismo proletário. Um primeiro elemento é a relação da publicação com entidades representativas e/ou centros culturais dos proletários. Isto é afirmado no seguinte trecho de Maria Nazareth: “. . . Essa vida irregular devia-se às dificuldades que enfrentavam e que eram de dois tipos: dificuldades financeiras, pois não havia quase publicidade e o público leitor era composto por trabalhadores de baixo poder aquisitivo, não sendo possível a sobrevivência com recursos do próprio jornal. A solução encontrada na maioria das vezes foi dar às entidades operárias (também paupérrimas) o encargo de editar seus jornais. O segundo tipo de dificuldades que encontravam foi a perseguição por parte

(13) — Sobre o caráter diferenciado da repressão, ver FAUSTO, B. — op. cit., p. 235. Consultar também: LEME, Marisa Saenz — **A Ideologia dos industriais brasileiros 1919-1945**. Petrópolis, Vozes, 1978.

(14) — Nazareth aponta a preponderância da orientação anarquista ou anarco-sindicalista na imprensa subalterna. FERREIRA, M.N. op. cit., p. 104.

da ordem estabelecida” (15). Destê modo, a relação entre imprensa e entidades proletárias é econômica e política e afeta diretamente a vida da imprensa dos subalternos: em momentos de greve, por exemplo, o número de jornais decai imediatamente, dada a desorganização financeira dos proletários e a proliferação de panfletos, manifestos etc., publicações mais flexíveis e necessárias aos momentos de agitação. De forma inversa, nos momentos anteriores às greves é grande a atuação da imprensa (16).

Também a periodicidade, a tiragem, o número de páginas e o formato da publicação — geralmente tablóides — são determinados pelas condições técnicas e financeiras e pelos acontecimento do momento. Jornais de duas páginas podem passar a circular com 16 páginas, periódicos aparentemente semanais podem se tornar diários ou mensais (17).

Com respeito ao texto, a observação mais imediata é a do grande número de jornais em língua estrangeira, especialmente em italiano — 55 das 60 publicações em língua estrangeira dos 343 listados por Nazareth Ferreira. Aos poucos, os jornais bilíngües e, em especial, os de língua portuguesa tornam-se maioria absoluta. Este processo é paralelo e guarda íntimas relações com o aparecimento de lideranças brasileiras e a difusão, assimilação crescentes de doutrinas anarquistas.

(15) — FERREIRA, M.N. — op. cit., p. 104-5.

(16) — Id. *ibid.* p. 106-8. Uma série de atividades era desenvolvida para manutenção das publicações: rifas, vendas de livros, festas etc. Ver HARDEMAN, F. F. — op. cit., p. 46-51. Os raros casos de publicidade eram acompanhados de recomendações sobre os produtos e, em certos momentos, eram sugeridos boicotes a determinados produtos, geralmente devido a lutas operárias que ocorriam nas empresas produtoras. FERREIRA, M.N. — op. cit., p. 106.

(17) — Com relação à apresentação gráfica, os jornais normalmente utilizam uma diagramação que procura ocupar todos os espaços. Em geral, somente na primeira página aparece uma charge relativa ao editorial. FERREIRA, M.N. — op. cit., p. 105-6. Sobre formato, periodicidade do jornal **O Amigo do Povo** e da revista **Aurora**, ver HARDEMANN, F.F. — op. cit., p. 43. Com relação à tiragem, Nelson Werneck afirma que, em 1914, o quinzenário **A Voz do Trabalhador**, da Confederação Operária Brasileira, tinha uma tiragem, “vultosa para a época e para o gênero, de 4 mil exemplares”, SODRÉ, N. W. — op. cit., p. 361.

Outra observação ligada ao texto é a inexistência do repórter; é a notícia que vai ao jornal, demonstrando uma relação entre o leitor e o jornal. Isto faz que, em vez da notícia sobre o fato, apareça, por exemplo, na íntegra, textos, discursos, conferências, etc.

Já o conteúdo é marcado por artigos doutrinários, conforme afirma Edgar Carone: "Estas publicações reproduzem fartamente o material da época, e baseiam argumentos e reivindicações em torno do pensamento destas lideranças européias. Ainda mais, a maioria esmagadora destas reproduções trata largamente da questão da ideologia, do problema organizatório e, superficialmente, da política cotidiana...". Assim, como o próprio Carone reconhece, os operários brasileiros, diferentemente dos estrangeiros, pouco escreveram sobre eles próprios (18). Por outro lado, apesar da retórica algo rebuscada e redundante, a imprensa subalterna não buscava "esconder" seu conteúdo numa pretensa "imparcialidade" e "objetividade", ele é honesto e contundente na defesa de suas posições (19).

Finalmente, uma última caracterização importante: a localização. Esta questão nos remete a outra bastante fundamental, a relação da imprensa subalterna e o anarquismo. Carone, no artigo citado, depois de falar do predomínio do reformismo

(18) — CARONE, Edgar — Introdução ao estudo do movimento operário do Brasil (1817-1944). **Ensaios de Opinião**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. p. 43, 45, Foot Hadermann, analisando as publicações **O Amigo do Povo** e **Aurora**, diz: "Parece que um certo iluminismo próprio das tradições do enciclopedismo francês do século XVIII informa ainda a erudição e o pensamento dos artigos anarquistas, especialmente nos materiais de fundo doutrinário. O positivismo e o evolucionismo de cunho naturalista do século XIX permeiam também boa parte dos discursos. Não é fácil perceber os sinais do movimento operário concreto: as notícias sobre condições de vida e de trabalho, informações pormenorizadas sobre greves, associações de classe e composição do proletariado". A revista **Aurora**, por exemplo, em determinados momentos tinha quase 100% de artigos doutrinários traduzidos e eram constantes nestas publicações anarquistas informes sobre o movimento proletário internacional (inclusive latino-americano). HARDEMANN, F. F. — op. cit., p. 44, 50, 56.

(19) — Id. *Ibid.*, p. 50.

no movimento operário da época, complementa: "... refletida no imenso número de publicações de jornais, livros, material que, comparado com o de origem anarquista, comprova a grande inferioridade desta em relação ao volume de outras origens" (20). A observação de Carone contrasta totalmente com a feita por Nazareth Ferreira: "De modo geral, todos estes jornais eram de orientação nitidamente anarquista, ou anarcosindicalista..." (21). Assim, ao menos a definição das localizações feita por Nazareth a partir dos 343 títulos enumerados demonstra a íntima relação entre número de jornais por local e a presença anarquista nestes locais. Não por acaso, São Paulo, maior centro industrial e de grande influência anarquista, detém 42% dos títulos, Rio de Janeiro 30%, Rio Grande do Sul 5%, Minas Gerais e Pernambuco 4%, Alagoas e Paraná 3% e outros 9% (22).

Alguns (in) conclusões se impõem: em primeiro lugar ficou evidenciado o caráter preliminar das caracterizações aqui esboçadas sobre imprensa dos subalternos, pois somente agora o tema começa a ser estudado. Em segundo lugar, o estudo e a difusão deste trabalho de reelaboração da memória operária ganha importância com o reaparecimento da classe operária e seus atos na cena política demarcando as possibilidades de transformação do presente momento político.

(20) — Id. *Ibid.* p. 43.

(21) — FERREIRA, M.N. — *op. cit.*, p. 104.

(22) — FERREIRA, M.N. — *op. cit.*, p. 89. Na lista citada aparecem os Estados onde o anarquismo está mais presente. Na Bahia, por exemplo, conforme pesquisa que estamos realizando, a quase ausência de imprensa proletária corresponde à quase inexistência local do anarquismo. RUBIM, Albino et alii. **Movimentos sociais e meios de comunicação**. Bahia, 1917-1921. **Caderno do Ceas**, Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, 1979 (n.º 61). Por outro lado, a lista elaborada por Nazareth Ferreira para a Bahia (total — 7 jornais) pode ser ampliada com indicações de LINHARES, M. — *op. cit.*, 37 (**A Voz do Operário** — Salvador — 1894) e BANDEIRA, M. et alii — *op. cit.*, p. 11, 13, 40 (**O Internacional Socialista**) — Salvador — 1878; **O Socialista** — Salvador — 1822 e **Voz Operária** — Salvador — 1894 que pode ser o mesmo periódico indicado por LINHARES).